

## O P.P.M. e a localização da Universidade do Minho

«A Universidade do Minho deverá corresponder à configuração geo-económica, social e cultural da provincia que vai servir. Não se trata de uma obra localizada em determinado ponto (no caso: a 32 quilómetros do Porto — será mais uma Universidade Nova do Porto do que a Universidade do Minho!)» — afirma-se num comunicado da comissão executiva do distrito de Braga do Partido Popular Monárquico.

O documento começa por referir que causaram «seria perplexidade e profunda apreensão», na cidade de Braga, as palavras proferidas pelo secretário do Estado do Ensino Superior e pelo reitor da Universidade do Minho, na posse do novo membro da respectiva comissão instaladora, para concluir: «Ao fim de um ano de significativo silêncio, enram as máscaras». E pode ler-se, a seguir, o seguinte: «A designação de Universidade do Minho foi um eufemismo encontrado pelo timorato Governo de Marcello Caetano, para dar satisfação a certas reivindicações de Guimarães, na altura representada junto dos poderes públicos e na própria Assembleia Nacional por um prócer do regime, amigo particular e íntimo do ex-presidente Américo Tomás, que quase diariamente o recebia em Belém».

Mais adiante, e depois de uma referência ao eng.º Duarte de Amaral,

que «detesta Braga», o comunicado aponta que a comissão instaladora da Universidade do Minho, empossada antes do 25 de Abril e entre cujos membros figurava o prof. Diogo Freitas do Amaral, continuou simpática e maquiavelicamente, depois daquela data, a decidir dos destinos do estabelecimento de ensino superior em causa, encarregando uma empresa especializada, de apresentar sugestões quanto à localização. E, depois de aludir a manobras neste capítulo como a proposta de localização nas margens do «romântico Ave», o comunicado afirma:

«É certo que a batalha vai agora começar, quer pelo seu governador civil, quer pelo presidente da sua comissão administrativa, eles sabrão expor superiormente toda a extensão do problema; a não ser que a sua filiação e disciplina partidárias os impeçam de cumprir verdadeiramente o seu dever».

É certo que Barcelos, Vila Nova de Famalicao, Ponte de Lima, Viana do Castelo, etc. se terão também de pronunciar, pois são os seus povos que constituem o Minho, e não apenas uma pequena orla oriental da sua provincia. Mas, para além de tudo isto, ressalta das palavras proferidas na sessão de 7 de Fevereiro, no edificio da nossa Biblioteca Pública, que parece querer-se transplantar para Guimarães, um travo bem amargo e decepcionante. Braga não merecia, sr. secretário de Estado do Ensino Superior, o agravo que lhe fez. Não sr. prof. Avelãs Nunes, o bairrismo de Braga não é estreito nem pouco, e muito menos seródio! Sr. V. Ex. o significado destas palavras? Se o sabe, saberá também que as suas palavras foram não só inconvenientes mas stumamente injustas. Braga, cidade que tem atrás de si uma longa e continua tradição de cultura e de progresso constante, não as merecia. Muito menos o seu abnegado Povo, que tem dado provas de uma maturidade cívica — de um grau de educação bem difíceis de igualar. E muito menos a merecia, sr. secretário de Estado, a ameaça de que será vã e estulta qualquer tentativa para modificar o que está proposto, quanto à futura localização da Universidade. Tal afirmação, vinda da boca de um membro do Governo actual, e anti-democrática e anti-popular.»

No final, são tecidas diversas considerações, dizendo-se, nomeadamente, que «a Universidade deverá aproveitar, desde já, as infra-estruturas existentes, o conteúdo histórico, construído e a preservar». E os autores do comunicado sublinham: «Por isso, somos por uma Universidade do Minho ao lado do Povo e da sua paisagem. Uma Universidade disseminada, vivificando e permitindo cultura com essa provincia, cuja linguagem corresponde, de facto, à distribuição do povoamento humano disperso, retirando o maior proveito da terra.»